

Com a intervenção, a idéia de um "modelo mineral brasileiro"

RICARDO KOTSCHO
Enviado Especial

Uma pequena clareira no meio da selva amazônica, de onde se pode ver homens caminhando como formigas e cavando como tatus, levantando poeira: esta é a cena que o ministro César Cals pôde ver do alto do seu helicóptero antes de desembarcar no garimpo de Serra Pelada, 80 quilômetros a sudoeste de Marabá, no Pará, na quinta-feira da semana passada. Seis meses após a descoberta do ouro e quatro depois da intervenção federal, coordenada pelo Conselho de Segurança Nacional, o ministro das Minas e Energia concluiu, durante uma visita de pouco mais de uma hora, que a Amazônia garantirá, a partir de 81, a auto-suficiência brasileira, se os demais garimpeiros forem organizados à imagem e semelhança de Serra Pelada.

O ministro tinha poucas perguntas a fazer, ouviu uma breve leitura de estatística, anotou numa ficha que Serra Pelada produziu 2,5 toneladas de ouro de maio a agosto e caminhou como um verdadeiro atleta pela Babilônia Velha, Babilônia Nova, Grota Rica e Sereno — os quatro núcleos de garimpagem de ouro onde 25 mil homens trabalham dia e noite entre a fortuna e a morte, o ouro e a meningite, um bom salário e a pneumonia.

Ao final da caminhada, anunciou para setembro um modelo mineral brasileiro, que ninguém imagina como seja. O modelo de Serra Pelada, que Cesar Cals pretende reproduzir nos garimpos de rio Madeira, Patrocinio, rio Maués e Tapajós, redutos por onde hoje cavocam cerca de 100 mil homens, é baseado na experiência de um homem, o major Marco Antonio Luchini, assessor do Conselho de Segurança Nacional, que se tornou famoso como major Curio, no combate às guerrilhas no Sul do Pará.

Os primeiros números animam, e confundem: a produção do mês de julho, de pouco mais de mil toneladas de ouro, alcançadas no último dia, após um apelo do major Curio, no estilo do que Fidel Castro faz em Cuba para atingir os objetivos do açúcar da ilha, deu à Serra Pelada uma renda "per capita" de 800 dólares — um

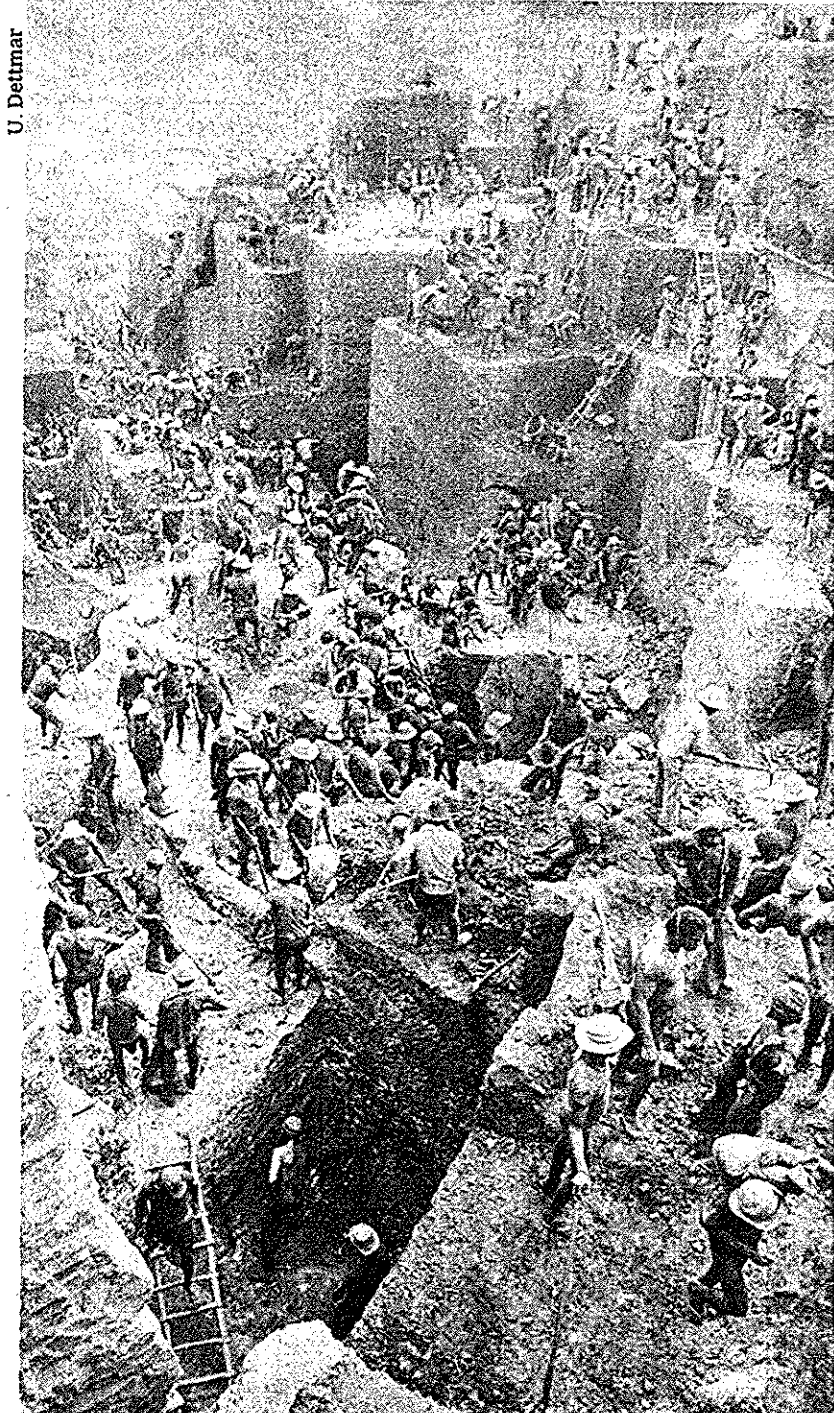
Produção pode ser de 13 t este ano

BRASILIA (Sucursal) — As reservas brasileiras de ouro atingiram, no final de 1979, um volume de 177,678 toneladas. Tecnicamente, isso corresponde a um volume de 195 toneladas de ouro contido nas lavras, sem contar ainda as recentes descobertas em Serra Pelada e na serra do Rio Madeira. Por outro lado, em 1979, foram produzidas 22 mil toneladas de minério bruto de ouro, que permitiram, depois de beneficiadas, a obtenção de 5 toneladas de ouro puro — excluindo-se daí a produção dos garimpos, que até o momento não foi computada.

Esses dados constam do Anuário Mineral Brasileiro relativo ao ano de 1979, que está sendo elaborado pelo Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM). O documento do DNPM revela ainda que, além das 177,678 toneladas de minério bruto (ou 195 toneladas de minério puro) registradas em 1979, as reservas brasileiras, no ano passado, apresentavam também um volume de 867.190 toneladas indicadas e 41.226 toneladas inferidas de minério bruto. Desse total devem ser excluídos os volumes contidos em Serra Pelada e serra do Rio Madeira, que ainda não foram objetos de levantamentos.

nível de Suécia. Mas o mesmo dirigente da Docegeo (a subsidiária da Vale do Rio Doce, responsável pela lavra na região) que faz estes cálculos, admite: "O padrão de vida do pessoal não está no nível da Suécia. Há algum erro no sistema".

Este é o tema da série de reportagens que a "Folha de S.Paulo" começa a publicar hoje sobre a corrida ao ouro da Amazônia. Amanhã, nossos enviados especiais mostrarão como é um dia na vida do garimpo. A série será completada na terça-feira com as histórias dos principais personagens e a divisão da terra e do trabalho na Serra Pelada.



As escavações na serra lembram obras das pirâmides às avessas.

Por enquanto, a aventura

Faz três anos que começou a corrida ao ouro na Amazônia, com a descoberta do garimpo de Andorinhas. Calcula-se que hoje mais de 100 mil homens estejam espalhados pela selva — ainda consequência do enorme barulho que se fez em 77, quando era ministro das Minas e Energia o protécnico Shigeaki Ueki, que falava em pagar a dívida externa do Brasil com o ouro da Amazônia.

A imprensa fez a festa e os números chegaram rapidamente a 19 mil toneladas de ouro. Na verdade, revela Armando Álvares Campos Cordeiro — desde julho chefe do projeto de Serra Pelada —, a estimativa de reservas na região de Andorinhas não passa de 30 toneladas — e a usina de tratamento de minério instalada pela Docegeo não conseguiu atingir ainda a produção de 30 quilos por mês.

As pesquisas da Docegeo — uma subsidiária da Companhia do Vale do Rio Doce — na Amazônia começaram em julho de 71 e foram mantidas em sigilo até 77. Nos primeiros anos, a prospeção geral visava principalmente ao cobre — não se pensava em ouro. No segundo semestre de 76, o geólogo Edvaldo Amaral, do DNPM, encontrou amostras com discriminações de ouro na região de Babaçu, no sul do Pará.

DE PERNAS PARA O AR

A partir daí, as pesquisas se voltaram para o ouro. Numa área de 900 quilômetros quadrados em torno de Andorinhas, foram notadas várias anomalias pelos geólogos, confirmando o que muitos garimpeiros já sabiam: havia ouro na Amazônia e o ufanismo oficial fez o resto. Mas a produção direta da Docegeo na área de Babaçu registra até agora apenas 20 quilos de ouro — outros 15 quilos foram comprados. Dos 200 homens (entre eles, cinco geólogos) enviados para a região, no pique de 77/78, hoje resta apenas a metade.

Toda a economia local foi revirada de pernas para o ar. Fazendeiros e madeireiros pediam aos técnicos da Docegeo que "parassem com isso pelo amor de Deus", pois os garimpos atraíam toda a mão-de-obra barata disponível. Nada mais natural: nas serrarias e nas fazendas, o trabalhador braçal ganhava, quanto muito, o salário mínimo; nos garimpos, podiam ganhar, no mínimo, mil cruzeiros por dia.

Por enquanto, o trabalho manual dos garimpeiros é o único disponível para tirar da terra as riquezas por eles descobertas e comercializadas pelos órgãos do governo. A Docegeo e demais empresas e/ou órgãos do Estado até hoje só não assumiram a exploração direta por falta de condições ou excesso de burocracia, mas isto um dia acontecerá.

Na região de Rio Maria, por exemplo, tentou-se pela primeira vez estabelecer uma relação Estado-garimpeiros, através de um cadastro. Mas apenas 360 se registraram. "Nós fazíamos papel de palhaços, pois não tínhamos condições de controlar o garimpo e evitar a invasão", reconhece o geólogo Campos Cordeiro. Os atravessadores compra-

vam toda a produção — eram médicos, fazendeiros, hotelheiros, donos de hospitais, cada um com sua balança, garantindo o câmbio negro.

"Criou-se o mito de que o ouro é a salvação para todo mundo ficar rico", constata outro geólogo, que ocupa importante função no distrito amazônico da Docegeo, mas pede para ficar no anonimato. Ele acusa a "máfia do ouro" pelas invasões que continuam ocorrendo. Apesar da comoção social e jornalística provocada por Serra Pelada, ele lembra que dos 300 garimpeiros do rio Tapajós saem 20 toneladas de ouro por ano, o equivalente a US\$ 600 milhões — praticamente o dobro do total de ouro que o País importa anualmente —, enquanto apenas duas toneladas são oficialmente registradas pelo Imposto Único sobre Minerais.

Este imposto já foi reduzido para apenas 1%, exatamente para evitar a comercialização clandestina. Ocorre que o imposto para exportação é de 8% e, além disso, há o interesse do comércio clandestino em negociar com ouro que não tem nota fiscal, não tem registro. Segundo o especialista da Docegeo, a "máfia do ouro" é constituída por grupos paulistas ligados a grupos internacionais ligados à fabricação de jóias: "O ouro sai do País em barras e volta em forma de jóias. Além disso, o ouro é mais interessante que o dinheiro para o tráfico de entorpecentes e negociações clandestinas, pois é mais difícil controlar a sua saída do País". Para ele, o ouro com nota fiscal "é uma carta marcada". Sem nota, sem qualquer registro, este ouro não obriga o fabricante de jóias a pagar IPI, nem o comerciante a pagar ICM. O Imposto Único sobre Minerais, portanto, é o de menos.

O próprio geólogo da Docegeo admite que se está "estimulando uma mentalidade de loteria esportiva", fomentando a garimpagem exatamente entre os que vivem na miséria, com o aceno da riqueza rápida e fácil. "Hoje, há mais gente na miséria do que há 10 anos e eu censuro aqueles que tentam manipular os garimpeiros por razões econômicas. O ouro sempre foi considerado um minério de segunda classe pelas grandes empresas, que não compensava o investimento. Hoje, se vê que o ouro é tão fácil de ser encontrado que o garimpeiro sempre chega antes que o técnico. O problema todo é que não há uma política de pesquisa no País."

E tudo isso é decorrência de três fatores, que se completam: a existência de extensas áreas inexploradas, propícias para explorações rudimentares; a mão-de-obra ociosa no Norte e no Nordeste, cada vez maior em consequência de secas e enchentes, e, finalmente, pela absoluta falta de fiscalização na Amazônia, uma terra de ninguém. Diante deste quadro, o geólogo conclui que "o garimpo é uma ilusão, é um problema e não uma solução para os problemas sociais da nossa região, pois cria expectativas falsas para indivíduos não preparados".

Da guerrilha ao garimpo

Domingo de Páscoa. Um helicóptero com oito homens da Polícia Federal e do Exército, comandados pelo major Curio, sobrevoa a área do garimpo de Serra Pelada. As informações chegadas a Brasília davam conta de que havia na região mais de 30 mil homens, todos armados, alguns com dois revólveres à cintura. As vítimas das enchentes dos rios Tocantins e Itacaiunas, juntamente com velhos garimpeiros, comerciantes, médicos e doutores em geral faziam de Serra Pelada a nova terra prometida, em que valia tudo para conseguir um barranco à procura de ouro.

O helicóptero deu várias voltas até descer na pista improvisada pelos próprios garimpeiros contratados pelo dono da fazenda em que foi encontrado o ouro, o mineiro Genésio Ferreira da Silva, que morava em Araguaína, Goiás. Major Curio é o cognome do militar Marco Antonio Luchini, que participou do combate às guerrilhas no Sul do Pará e hoje é assessor do Conselho de Segurança Nacional. Alguns dos policiais e militares que o acompanham no helicóptero também participaram do combate à guerrilha.

"QUER VENDER?"

Diante da convulsão social provocada pela corrida do ouro, das notícias de tiroteios e violência no garimpo, a decisão de intervir em Serra Pelada foi tomada pela Presidência da República, ouvido o Conselho de Segurança Nacional. Major Curio desceu do helicóptero com carta branca para agir no garimpo. Quando desceu do aparelho, diante dos espantados garimpeiros, cobertos de poeira e barro, um deles veio perguntar: "Quer vender esse negócio aí? Nunca vi avião tão bonito..."

De um dia para outro, havia brotado no meio da selva amazônica o maior garimpo do País. Era uma verdadeira cidade de crateras cercadas por choupanas. Calcula-se que mais de mil toneladas de ouro haviam saído de Serra Pelada quando veio a intervenção federal. Cada palmo de terra estava dividido em barrancos (também chamados de catas ou damas), com áreas variando entre quatro e cem metros quadrados.

Com a intervenção, áreas e garimpeiros foram registrados pela Receita Federal e todo o ouro deveria ser vendido à Caixa Econômica Federal, através da Docegeo, uma subsidiária da Companhia Vale do Rio Doce, que havia requerido a lavra da área para a exploração do manganês (o ouro não estava nos planos originais).

Logo estariam em Serra Pelada 135 homens enviados por diversos órgãos públicos. A área foi cercada pela Polícia Federal e a primeira impressão que o visitante tem, reforçada pela aparência física dos seus habitantes, é de que o garimpo constitui um imenso campo de concentração — só se entra e sai com autorização, após rigorosa revista.

Tudo começou quando a filha de um certo Zezinho, afilhado de Genésio Ferreira da Silva, pai de 10 filhos e dono da fazenda, encontrou alguma coisa brilhando junto a uma bica d'água. Da constatação que se tratava de ouro à invasão da fazenda foi como um raio.

Isso foi em fevereiro, e logo Genésio estava com uma tropa de 30 burros trazendo comida para os garimpeiros, de quem recebia a terça parte do ouro encontrado. Contratou garimpeiros para abrir uma pista, pagando Cr\$ 700 por dia a cada um. Quando a pista ficou pronta, a invasão foi total — só não entrava mulher e cachaça, uma lei que foi mantida pela intervenção. O próprio Genésio, porém, ficou preocupado com os milhares de homens armados na fazenda de 800 alqueires que havia adquirido do Inca numa concorrência pública, alguns anos antes. E seu filho Oswaldo, que serviu a Aeronáutica, foi comunicar o fato ao Batalhão do Exército, em Marabá. A partir daí, começou a operação deflagrada pelo Conselho de Segurança Nacional.

Pouco antes da descoberta do ouro, por problemas financeiros, Genésio tentou vender a fazenda — onde pretendia criar gado — por Cr\$ 2,5 milhões. Ele queria vender a posse, já que até hoje não tem o título definitivo da terra. Oswaldo, o filho, lamenta que a documentação tenha desaparecido e se encontre atualmente no Conselho de Segurança Nacional.

Quando a Docegeo se instalou em Serra Pelada e passou a comprar todo o ouro, por ter a concessão da lavra, a participação de Genésio foi diminuída de 30 para 10%. Por decisão do major Curio, hoje a família não recebe mais nada (se o título de posse for confirmado pelo Inca, Genésio terá direito a 0,1% de tudo o que for apurado). Mas, quando veio a intervenção, seu futuro já estava garantido. Oswaldo revela que a família recebeu em ouro o correspondente a 40 milhões de cruzeiros — quantia suficiente para a compra de uma outra fazenda, gado e dois pequenos aviões.

"NOSSO PAI"

"Major Curio é onosso pai", diz Simão Gonçalves Machado, 71 anos, que entrou pela primeira vez num garimpo há três meses. Ele pertence a um grupo de mais de 40 homens que auxiliaram o major Curio — eles eram os "bate-pau", que guilavam as forças do Exército na selva — no combate às guerrilhas e foram convidados a tentar a sorte no garimpo.

Assim, além de um corpo de segurança de 40 homens, com alguns velhos conhecidos no combate às guerrilhas, o major Curio conta dentro do garimpo com outro tanto de "bate-paus", o que lhe garante um controle tranquilo da situação e nada se resolve sem a sua palavra.

Para esses milhares de garimpeiros que vivem no meio do mato, fazendo suas próprias leis, o major Curio é tratado como um "padim Cico".